

Autor: Julio Cesar Bianchi Furtado (Julio Fantasma)

Mais Contos: <http://www.juliofantasma.com.br/contos-de-terror/>

Facebook: <http://facebook.com/juliofantasma>

Twitter: <http://twitter.com/juliofantasma>

GOONIE

Jorge e Amauri costumavam jogar bolinha de gude com os companheiros de escola, geralmente após o término das aulas. Hoje, além dos eventuais adversários, eles contavam com a presença de Melinda.

— Vai fotografar a gente jogando? — disse Jorge para Melinda.

— Claro, se eu não atrapalhar ...

— É lógico que vai atrapalhar! — completou Amauri, rispidamente.

Melinda e Amauri são irmãos. Ele tem 11 anos; ela completou 13 ontem. Entre os presentes, o mais comemorado foi a câmera fotográfica digital, que ganhara do pai.

— Eu pensei que você gostasse de ser fotografada — disse Jorge.

— Meu pai me ensinou a usar um negócio chamado timer, então eu posso me fotografar quando quiser.

— Legal.

Jorge tem os mesmos 11 anos de Amauri, mas por ser mais alto e magro, aparenta ser mais velho. O garoto é apaixonado por Melinda desde os 8 anos. De lá para cá, não se lembra de ter trocado sequer duas frases com ela, como acabara de fazer. Geralmente fica mudo quando ela está por perto. Talvez hoje seja o seu dia de sorte.

— Fotografia é uma coisa tão idiota! — resmungou Amauri, após meter um chiclete na boca. — Não dá pra fazer nada com ela; somente olhar. Que coisa sem graça!

— É mesmo? Que bom então, vou fotografar só os seus amigos.

Amauri deu de ombros. Jorge e Melinda riram.

As partidas são disputadas atrás de uma antiga fábrica de refrigerantes, que nos dias atuais não passa de um galpão abandonado. O local é bem tranqüilo, pois fica num bairro um pouco afastado do centro da cidade. O chão, de terra batida, é ideal para uma boa partida de bolinha de gude.

Jogavam apenas duas modalidades: Círculo e Triângulo. Tentaram inventar outras, mas não deram muito certo. Há sempre um espartinho a fim de mudar as regras no meio do jogo, para levar vantagem.

— É aqui que vocês jogam? — perguntou Melinda, fazendo uma cara meio decepcionada.

— E onde achou que seria? — disse o irmão, retirando a mochila das costas.

— Sei lá, num lugar menos ... horroroso.

— Minha mãe sempre me diz que a beleza está nos olhos de quem vê — disse Jorge.

— Câmera não tem olhos, idiota — disse Amauri, depois deu um safanão na nuca do amigo.

Melinda ficou olhando para Jorge, um pouco envergonhada.

— O que foi? — disse o menino, torcendo para não tê-la magoado.

— Nada — disse ela, e abriu um sorriso. — Acho que sua mãe tem razão.

Jorge ficou imensamente aliviado.

— Semana passada havia um montão de borboletas bem ali — disse ele, apontando para uma árvore velha.

Melinda fez sinal de positivo.

— Oh, você vai jogar ou não? — gritou Amauri, já distante uns quinze metros, com os outros meninos.

Jorge queria mesmo ficar ali com a irmã do amigo.

— Vai lá jogar, eles estão esperando.

Ele foi, afinal.

Melinda bem que tentou achar alguma beleza naquele lugar, mas não teve muito êxito. De um lado a fábrica abandonada, com seus muros velhos e pichados; do outro um terreno baldio, praticamente esquecido pela prefeitura da cidade.

Um pássaro azul-escuro pousou sobre um galho seco de uma árvore próxima a ela. Melinda ajustou a câmera com estilo e, no momento exato de clicar, a ave voou para longe.

— Conseguiu? — gritou Jorge, lá de longe.

— Quase! — respondeu ela, frustrada.

A menina já havia desligado e guardado a câmera, quando um cão branco cruzou à sua frente. O animal era tão bonito que sua presença ficou fora do contexto, como se fosse fruto de uma montagem feita por computador. O cão era grande, do tamanho de um Pastor Alemão, mas seu focinho era um pouco mais fino e alongado. Com certeza não era um vira-latas qualquer, pois em seu pescoço havia uma coleira reluzente.

Melinda achou melhor se afastar, visto que o animal é forte e não há segurança alguma de que seja dócil. Ela apertou os passos na direção dos meninos, sem olhar para trás.

De repente o cão cruzou à sua frente, outra vez. Agora ela ficou paralisada. O animal sentou-se de frente para ela e levantou uma das patas, como se a cumprimentasse.

— Olá! — disse Melinda, com uma voz trêmula.

O cão ficou olhando para ela, não demonstrava o menor sinal de agressividade. Sua respiração estava ofegante, como se ele tivesse caminhado bastante para ter aparecido ali. Melinda percebeu que havia alguma coisa escrita na coleira.

— Seu dono deve estar preocupado.

O cão ergueu a pata novamente. Melinda abriu um sorriso amarelo, e tentou chegar mais perto do animal, para ler o que estava escrito na coleira.

— Não vai me morder, né?

Seu coração estava batendo mais rápido. O pêlo do animal era branco como a neve. Ela nunca tinha visto um cão daquela raça. Melinda sentiu-se tentada a tocá-lo, mas ele recuou no momento exato. Mesmo assim ela conseguiu seu objetivo principal. A coleira tinha a palavra GOONIE escrita com letras garrafais.

— Goonie? Este é o seu nome? Estranho, já ouvi este nome em algum lugar.

O cão afastou-se uns três metros e sentou-se de frente para ela novamente. Ergueu a pata novamente. Melinda tirou a câmera da bolsa.

— Vou filmar você erguendo a patinha. Achei uma graça!

Assim que a menina ligou a câmera, o cão ficou ligeiramente agitado e começou a latir. Melinda guardou a câmera.

— Tudo bem, não fique bravo comigo!

O animal continuou latindo. Melinda percebeu que ele não latia para ela, mas parecia latir para alguma coisa atrás dela. Ela olhou para trás, na direção do terreno baldio, depois voltou os olhos para o cachorro.

— O que foi? Viu alguém? Acho que estou ficando maluca mesmo, você é um cachorro. Cachorros não falam, né? — ela riu de si mesma.

O cão continuou latindo. Ela olhou novamente para trás. Não havia aparentemente nada que pudesse estar provocando aquela reação do animal.

De repente o cachorro saiu correndo na direção do terreno baldio. Por um instante, Melinda pensou que seria atacada.

— Oh, volta aqui!

E a menina foi atrás do cachorro.

Jorge, percebendo que Melinda se afastava demais, ficou preocupado. Cutucou Amauri e apontou o dedo na direção da menina.

— Aonde ela está indo? — disse Amauri.

— Sei lá, mas é perigoso ir sozinha.

— Perigoso por quê? A gente vem quase todos os dias aqui.

— Mas ela é uma menina, caramba!

— E daí?

Jorge balançou a cabeça negativamente, olhando sério para o amigo.

— Você devia cuidar melhor da sua irmã, sabia?

O coração de Jorge ficou ainda mais apertado ao perceber que Melinda havia desaparecido de vista. Ele não pensou duas vezes, saiu em disparada, na direção do terreno baldio.

— Volta aqui! — gritou Amauri. — Nós vamos jogar a próxima partida!

Jorge sequer olhou para trás.

À medida que foi avançando, o terreno baldio foi tomando a forma de um bosque, escuro e assustador. Jorge não conseguia entender; ele brincava ali do lado quase todos os dias e jamais poderia imaginar a existência de um lugar como aquele.

— Melinda! — gritava ele, sem parar.

Nenhuma resposta. Entretanto, sons estranhos vinham de todas as direções, principalmente de cima, das copas das árvores. Árvores imensas. Tão altas que o menino não conseguia mais enxergar o céu.

Mesmo assustado, ele seguiu em frente. O lugar ficava cada vez mais escuro. Uma névoa fina e mal cheirosa pairava no ar. Aquele lugar era estranho demais para ser real. Aquilo parecia um pesadelo.

De repente um morcego passou sobre sua cabeça feito um foguete. Jorge tropeçou em alguma coisa e caiu de costas. Ao se reerguer, o menino viu algo que jamais se esqueceria. Havia uma perna estraçalhada sobre o mato. A sandália jogada ao lado não deixava dúvidas: aquela perna era de Melinda.

Jorge gritou. Gritou como nunca fizera antes. Dor, pavor e repulsa. Havia um pouco de tudo naquele grito. E por fim ele vomitou. Expulsou do estômago tudo o que havia, numa rajada forte e nervosa. Vomitou tanto que sua garganta até sangrou.

Ele não conseguiu olhar para a perna outra vez. Deu meia-volta e deixou aquele lugar às pressas. Respirava com dificuldade, chorava muito. A maldita imagem da perna não conseguia lhe abandonar a mente. Sangue; ele nunca havia visto tanto sangue em toda a sua vida. Nem nos filmes de terror, que assistia escondido dos pais.

Em cidades pequenas, notícias trágicas se espalham rápido demais. Em questão de minutos, a polícia de Taubaté se viu obrigada a lidar não apenas com um crime brutal, mas também com uma população de curiosos. O terreno baldio, antes esquecido até pela prefeitura da cidade, agora estava em povorosa.

Enquanto um batalhão de policiais tentava conter a multidão que se aglomerava no local, o delegado e alguns investigadores vasculhavam o terreno, em busca da menina desaparecida. As únicas pessoas que puderam acompanhar os policiais foram Jorge e o senhor Paulo Mayer, pai de Melinda. Paulo estava transtornado, seu corpo tremia dos pés a cabeça, nenhum dos calmantes que tomara parecia fazer efeito. Naiara, sua esposa, fora para a casa dos pais, ao lado do filho Amauri. A esta altura a família estava toda reunida, rezando pela vida da menina.

Ao adentrar o terreno baldio, Jorge percebeu que havia algo de diferente no local. As árvores imensas deram lugar a árvores velhas e não tão altas assim. Não havia mais aquela névoa fedorenta. E o local onde a perna esfaqueada da menina fora encontrada estava vazio. O menino não conseguia entender o que estava acontecendo.

— Eu juro que vi a perna dela jogada aqui! — disse o menino, apavorado. — Eu juro!

Os policiais começaram a olhar um para os outros. Um deles estava muito propenso a achar que a história toda fosse apenas um trote do menino.

— Pelo amor de Deus, diz que foi apenas uma brincadeira de mau gosto! — disse Paulo, com lágrimas nos olhos.

Jorge balançou a cabeça negativamente.

— Bem que eu queria — disse ele, agora chorando.

De repente um dos policiais apontou alguma coisa no mato.

— O que foi? — perguntou o delegado.

— Sangue, senhor.

O delegado olhou para o pai da menina, preocupado. Depois olhou para Jorge. Andou até o local onde havia as marcas de sangue e coçou a cabeça. Havia muito sangue, e uma sandália mais adiante. O dia seria longo pela frente.

— Vamos precisar de mais gente — disse o delegado pelo rádio.

Paulo sentiu as pernas bambearem e por muito pouco não desmaiou. O delegado foi até ele, colocou uma das mãos no seu ombro e olhou nos seus olhos.

— Vá para casa. Sua esposa e seu filho precisam do seu apoio.

— Não saio daqui sem minha filha, esteja viva ou não.

— O senhor não está em condições de ...

— Eu conheço bem este lugar — disse Paulo, decidido. — Passei minha infância toda por aqui. Posso ajudar. A filha é minha e não saio daqui enquanto não encontrá-la. Se quiser me tirar daqui, terá que me tirar algemado.

O delegado respirou fundo, balançou a cabeça, coçou a barba mal feita e disse:

— Tudo bem. Eu também tenho filhos e imagino o que o senhor está passando.

Paulo ficou com os policiais. Jorge foi levado para casa. Pobre menino, o dia parecia ter começado tão bem, agora ficaria marcado como o pior de toda a sua vida. E por quê? Como? Que lugar era aquele? Como poderia ter mudado tão depressa? Quem teria feito aquela monstruosidade com uma menina tão dócil?

Primeiro os policiais encontraram um dos braços, esfaqueado. Havia perfurações por toda a pele, marcas de dentes enormes. A menina teria sido atacada por algum animal. Esta opinião foi praticamente unânime entre os policiais presentes.

Paulo, ao ver aquela cena terrível, foi nocauteado como um pugilista distraído sobre o ringue. Com as mãos na cabeça, fechou os olhos e rezou para que estivesse apenas sonhando, ou imaginando coisas. Era difícil acreditar que aquele braço dilacerado pudesse ser o mesmo braço que o abraçava todos os dias. A dor em seu peito era quase palpável.

O delegado, usando luvas de borracha, retirou um anel jogado sobre o chão de terra. Ele olhou o anel e lembrou que sua filha tinha um muito parecido com aquele. Sentiu uma vontade enorme de ligar para ela.

— Reconhece este anel? — perguntou o delegado para o pai da menina.

Mãos na cabeça e olhando para o anel como se olhasse para a própria filha, o homem não teve forças para responder. Apenas balançou a cabeça afirmativamente.

— Sinto muito — disse o delegado, olhando para o homem com sinceridade. — Sinto muito mesmo. Vá para casa, sua família precisa muito de você. Além do mais, estas imagens não lhe farão bem. Acredite em mim.

— Deixe-me ficar. Só mais alguns minutos, por favor.

— Sua filha parece ter sido atacada por algum animal selvagem. E este animal ainda pode estar por aqui.

— Animal selvagem? Não temos animais selvagens aqui na nossa região. Não faz o menor sentido!

— Realmente não faz. Mas estamos checando a hipótese de algum animal ter escapado de um circo instalado em Pinda.

O rádio do delegado chamou. O coração de Paulo acelerou; ele rezou para que fosse uma boa notícia, rezou para que sua filha ainda estivesse viva, apesar das chances serem remotíssimas.

Mais pedaços do corpo da menina foram encontrados, disse a voz pelo rádio. Paulo sentiu o chão tremer debaixo dele. Como dizer para a esposa que sua filha querida havia partido? E mais, como contar que ela havia morrido daquela forma tão horrível? Paulo pegou o celular e tentou ligar diversas vezes, no último número ele desistia. Não, não conseguiria contar aquilo pelo celular. Seria frieza demais.

— Vá para casa — disse o delegado. — Sua esposa e seu menino precisarão muito do senhor neste momento.

— Não posso. Não assim.

Enquanto os policiais continuavam as buscas, Paulo permaneceu sentado ali no mesmo lugar, olhando para o nada, totalmente perplexo e procurando uma explicação para tudo aquilo. Em sua mente passava um filme, cuja estrela principal era sua Melinda. Paulo era completamente apaixonado pela filha. Amava o filho Amauri também, é claro, mas a menina era sua princesinha, como ele mesmo costumava dizer. Seria difícil encontrar forças para viver sem os seus beijos e os seus abraços carinhosos. E que destino cruel, perdê-la quase no mesmo dia em que ela chegara a este mundo.

De repente Paulo avistou um objeto caído próximo ao local onde o braço de Melinda fora encontrado. Era a câmera fotográfica que ele havia comprado para a filha. Levantou-se e por pouco não caiu; suas pernas estavam moles. Caminhou com certa dificuldade até o local e pegou a câmera com cuidado.

Imagens da festa de aniversário da filha passaram diante de seus olhos; ele quase conseguiu sentir o gosto do bolo. Viu o sorriso de orelha a orelha da filha ao abrir o presente tão desejado. Ao piscar, Paulo voltara ao bosque, sozinho, atônito, segurando o mesmo presente, agora todo manchado de sangue. Ele chorou mais uma vez.

— Isso não era para ter acontecido — disse ele, baixinho, balançando a cabeça.

Meio sem querer, Paulo ligou a câmera. Uma imagem esbranquiçada e fora de foco apareceu no display, como se alguma coisa tivesse pulado na frente da lente, no momento da foto. Paulo ficou intrigado com aquela imagem. Seria a foto do assassino de sua filha? Seu coração quase parou de bater.

Paulo apertou o botão com a seta para a esquerda, para ver a foto anterior. Nada. Só mato. Apertou outra vez o botão. Mais uma foto desfocada. O sinal da bateria começou a piscar, indicando que a carga estava acabando. Paulo apertou mais uma vez a seta para a esquerda. Dessa vez ele viu uma imagem que lhe assombrou por completo, fazendo congelar cada osso do seu corpo. O susto foi tão grande que ele derrubou a câmera.

— Não pode ser — disse ele, com os olhos arregalados para a câmera, caída no chão.

Ao pegá-la novamente, a bateria acabou. Frustrado, ele deu várias pancadas na câmera, tentando ligá-la a qualquer custo. Mas foi em vão.

Num ato de desespero, quase jogou a câmera longe, mas no último segundo ele desistiu. Paulo precisava ligar a câmera novamente e se certificar de que aquela imagem assustadora não havia sido fruto de sua imaginação. E que não estava ficando louco.

O delegado voltou. Paulo, ainda mais transtornado do que já estava em seu último encontro, nem percebeu sua presença.

— O que houve? — disse o delegado. — Parece que viu um fantasma!

Só agora ele notou o delegado à sua frente.

— O que disse?

— Você está branco feito um copo de leite. Acho que vou ser obrigado a levá-lo para casa.

— Sim. Não! O senhor não teria algumas pilhas para me emprestar?

Paulo estava agitado. O delegado já havia presenciado situações como aquela, onde pais perdem os filhos de forma trágica. Alguns não suportam a dor e enlouquecem.

— Vem comigo. Seria muito bom uma conversa com um psicólogo neste momento.

— Psicólogo? Não preciso de nenhum psicólogo! Preciso de pilhas! Pilhas!

O delegado finalmente percebeu que Paulo segurava uma câmera fotográfica.

— Onde encontrou isso?

Paulo apontou para o local.

— Foi meu presente de aniversário para ela.

— Entendo. Mas o senhor não poderia tê-la retirado de onde estava. Ela faz parte da cena do crime.

— Tarde demais para me dizer isso, não acha?

O delegado respirou fundo e tentou não se aborrecer. O dia não estava sendo dos mais agradáveis; e ele sabia que o homem à sua frente estava enfrentando um dia ainda mais terrível.

— Passe-a para cá — disse o delegado, de olho na câmera.

— Você tem baterias novas?

— Não importa. Me dá esta câmera agora, senhor Paulo. Por favor.

Paulo acatou a ordem. Mas não tirou os olhos de cima da câmera um segundo sequer, nem piscava. O delegado percebeu que havia algo de estranho com aquele homem.

— O que tem de tão importante nesta câmera?

— Ninguém vai acreditar em mim.

O delegado tentou ligar a câmera.

— A bateria acabou — disse Paulo, sem tirar os olhos da câmera.

— Devo ter algumas no meu carro. Vem comigo.

Paulo acompanhou o delegado até a viatura.

— Antes que eu o abordasse — disse o delegado —, você havia ligado a câmera, estou certo?

— Sim, a bateria ainda funcionou por algum tempo.

— E o que você viu pra lhe deixar desse jeito? Você estava mais assustado segurando a câmera do que estava ao ver o braço da sua filha.

Paulo se sentiu envergonhado ao ouvir aquilo.

— Eu não sei o que eu vi.

— Não sabe? Como assim não sabe?

— O senhor vai pensar que estou enlouquecendo. Ou estou mesmo. Preciso ver aquela foto mais uma vez.

— Mas o que foi que você viu? Sua filha conseguiu fotografar o assassino? — O delegado parou e olhou nos olhos dele. — É isso, não é? Você viu a foto do assassino da sua menina.

— Pode ser.

— Ótimo! — disse o delegado, retomando a caminhada em direção ao carro. — Isso vai nos ajudar bastante a solucionar o caso. Deve ter sido um animal dos grandes, não foi?

— Não — sussurrou Paulo. E desabou em lágrimas.

O delegado deu meia-volta.

— Vou levá-lo para casa. O senhor precisa da sua família, tanto quanto eles precisam do senhor.

— Não vou conseguir encarar minha esposa.

— Não diga isso. A perda de um filho é algo extremamente doloroso, mas o tempo vai curar esta cicatriz.

— O senhor não está entendendo. Se a foto for real, eu sou o responsável pela morte da minha filha!

Instintivamente ou não, o delegado levou a mão à cintura, segurando sua arma.

— O quê?

— Exatamente o que o senhor ouviu — Paulo caiu em lágrimas, novamente.

O delegado ficou sem entender absolutamente nada. O homem que chorava à sua frente não poderia ter cometido tamanha atrocidade. Ou poderia? Mas como?

— Vamos acabar logo com isso — disse o delegado. — O meu carro está logo ali na frente. Se você não quer me contar o que viu, tudo bem, mas eu irei descobrir de qualquer jeito. Mas em virtude das circunstâncias, peço que vá a minha frente.

Ao se aproximarem do carro, um batalhão de curiosos os observava. Alguns repórteres locais tentaram conversar com o delegado, mas este se recusou a falar. O delegado deu ordem para os policiais limparem a área. Assim que conseguiu uma certa privacidade, o delegado finalmente trocou as baterias da câmera. Antes de ligá-la, olhou mais uma vez nos olhos do pai da menina. Notou que o homem estava mais ansioso do que ele próprio. Pelo que tudo indicava, a solução do caso parecia estar em suas mãos, na memória daquela câmera.

— Sinceramente, não acredito que você possa ser o responsável — disse o delegado.

— Espero que não, caso contrário o senhor está olhando para um homem morto.

O delegado ligou a câmera. A foto do cão branco apareceu no display.

— Foi isso que você viu, um cachorro?

E mostrou a foto para Paulo. Este levou as mãos à cabeça, em pânico. Paulo ficou pálido e tremia como se estivesse nu sobre o Alasca.

— Não pode ter sido obra de um cachorro! Nem mesmo um Rotweiler conseguiria fazer tudo aquilo. Um bando sim, mas sozinho jamais.

Paulo sentou-se no chão, encostando-se na viatura, desolado. O delegado não conseguia entender o que estava acontecendo. Pegou a câmera e olhou o restante das fotos. Havia outras duas fotos do cão branco. O restante das fotos não possuía absolutamente nada que pudesse ligar o pai da menina ao crime.

— O que você tem? — disse o delegado. — É apenas a foto de um cachorro. E é bem provável que o cão não tenha absolutamente nada a ver com a morte da sua menina.

Paulo olhou nos olhos do delegado, e disse:

— O senhor está enganado. O cão tem tudo a ver com a morte da minha filha.

— Se foi o cão, por que você assumiu a responsabilidade pela morte, minutos atrás?

— O cão a matou. Mas eu sou o culpado.

A mente do delegado entrou em parafuso. Ele não sabia se estava diante de um pai lunático ou se ele era um estúpido para não compreender o que estava acontecendo.

— É melhor eu levá-lo para o hospital. O senhor está delirando.

Mesmo a contragosto, Paulo entrou no carro do delegado.

— Já vi isso antes — disse o delegado. — , sua mente está sucumbindo. Chama-se estresse pós-traumático. É muito comum em situações como esta.

O delegado deu a partida no carro.

— Ele tentou me contar e eu não acreditei — disse Paulo, olhando para o vazio.

— Do que você está falando?

— Caio. Meu amigo de infância. Morreu no final do ano passado.

— Caio? O rapaz que morreu queimado em sua própria casa?

— Sim. Ele era meu melhor amigo.

— Sinto muito.

— Na véspera de sua morte ele me contou que havia visto o cão branco.

— E daí? Há milhares de cachorros brancos neste mundo.

— Não. Ele viu este cão branco — e apontou para a câmera.

— Como você sabe que é o mesmo?

— Porque este cão branco tem um nome: Goonie.

— Goonie? Como naquele filme?

— Sim. O nome do cão foi exatamente em homenagem ao filme Goonies. Minha irmã chegou a assisti-lo umas 10 vezes no cinema. O cão era dela e era assim que ela o chamava.

— Estou ainda mais confuso, Paulo. O que tudo isso tem a ver com a morte da sua menina?

Silêncio.

— Ou você me conta numa boa, ou terei que interrogá-lo — disse o delegado, sério.

— É que eu nunca contei esta história para ninguém. Ninguém mesmo!

— Tem sempre uma primeira vez. Vamos, algo me diz que irá lhe fazer bem.

Paulo voltou a tremer.

— Tudo aconteceu numa tarde de verão, em 1986. Eu tinha 14 anos. Meu amigo Caio e eu levamos Goonie para dar uma volta. Nós dois já havíamos planejado aquele passeio há alguns dias. O plano era ... matá-lo.

— O quê? Vocês mataram o cachorro?

— Sim.

— Espera aí, mas isso não faz o menor sentido. Se ele morreu em 1986, como você vem me dizer que o cão apareceu para o teu amigo ano passado?

— Ele me jurou que era o mesmo cão. Eu não acreditei, é claro. E ainda chamei o coitado de maluco. Se arrependimento matasse ...

— Você não vai querer me convencer de que o cão da foto é o mesmo da sua história, vai?

— Não quero lhe convencer de nada. Mas é o mesmo cão, disse eu não tenho a menor dúvida.

— Você está delirando, isso sim.

— Não estou! Você viu a foto! É ele! É o Gonnie!

— Tente se acalmar. Isso não faz o menor sentido.

— Faz sim. Ele voltou para se vingar. Ano passado matou Caio. E agora tirou a vida da minha filha, quem eu mais amava neste mundo.

— Isso é loucura. Cachorros não voltam do mundo dos mortos.

Silêncio novamente. Até que Paulo revelou algo chocante:

— Sabe como nós matamos o cachorro? Queimamos o filho da mãe vivo.

— O quê?

— Prendemos o maldito numa corrente e o banhamos todinho com álcool.

— Jesus Cristo! Não acredito que vocês foram capazes de fazer isso!

— Sim, fomos. Crianças podem ser muito cruéis quando querem, delegado.

Acendemos fósforos e jogamos sobre ele. Jamais me esqueci daquela cena. Tive pesadelos durante anos.

— A troco do que vocês fizeram isso? Ele havia mordido um de vocês?

— Não. Nada. Fizemos pela simples curiosidade de vê-lo queimar vivo.

O delegado, apesar de já ter vivido tantas experiências horríveis em sua carreira, precisou parar o carro para tomar um ar. A história conseguiu mexer com seus nervos, que já estavam abalados naquele dia. Ele desceu da viatura, caminhou alguns metros pela calçada e respirou fundo.

Até hoje o ex-delegado de Taubaté conta essa história, e conta o quanto se arrependeu de ter deixado a chave da viatura no contato, pois foi o suficiente para que Paulo pudesse dar a partida no carro, enterrar o pé no acelerador e bater de frente com o primeiro poste que encontrou. Paulo faleceu a caminho do pronto-socorro.

Dentro da viatura foi encontrada uma coleira com o nome GOONIE bordado em letras garrafais.

FIM

Autor: Julio Cesar Bianchi Furtado (Julio Fantasma)

Mais Contos: <http://www.juliofantasma.com.br/contos-de-terror/>

Facebook: <http://facebook.com/juliofantasma>

Twitter: <http://twitter.com/juliofantasma>

Outros contos do mesmo autor:

O Motoqueiro Misterioso
A Menina, o Monge e o Demônio
O Quarto 27
A Barbearia
João Tamoio
O Poço
Padre Elijah
O Diário de Renata
O Colecionador
O Negrinho da Feira
Sete Batidas no Portão do Cemitério
A Punição
O Velho 486
O Trem
Sônia
Cristiana
Ana Paula
Olhos Vermelhos
A Festa
Viagem Noturna
A Dama das Orquídeas

Para ler os contos acima, acesse:

<http://www.juliofantasma.com.br/contos-de-terror/>